



# O TEMPO DO TRAUMÁTICO

FELICIA KNOBLOCH

COLEÇÃO  
Berggasse  
19



INM Editora

**FELICIA KNOBLOCH**

# **O TEMPO DO TRAUMÁTICO**

2ª. EDIÇÃO



**INM Editora**

# SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	13
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	17
NOTA DOS EDITORES	23
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>I - O TRAUMA NA OBRA DE FERENCZI</b>	<b>40</b>
1. Freud e suas teorias sobre o trauma	43
Primeiras formulações sobre o trauma: 1892-1897	43
Do traumatismo real ao traumatismo psíquico	47
O trauma além do princípio do prazer: 1920	48
Trauma e angústia	49
2. A construção da teoria do trauma em Ferenczi	51
O conceito de introjeção	58
O desmentido	60
A realidade	63
A autotomia	67
A comoção psíquica	75
A memória do corpo	78

3. Atualidade de Ferenczi	87
---------------------------	----

<b>II - NOS LIMITES DO REPRESENTÁVEL</b>	<b>93</b>
--	-----------

1. O traumático e sua relação com o irrepresentável	94
2. Marcas e inscrições	101
3. A teoria das pulsões fazendo lugar para a noção de irrepresentável	112
4. O traumático e o pulsional	126

<b>III - REFLEXÕES SOBRE O TEMPO DO TRAUMÁTICO</b>	<b>135</b>
--	------------

1. Vários tempos, vários presentes	136
Presente vulgar	138
Presente cronicado	139
Presente absoluto	140
2. O traumático enquanto experiência (do) impossível	142
3. Tempo do traumático e o morrer	146
A morte voluntária	150
A morte anônima	152
O morrer	153

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>159</b>
-----------------------------	------------

1. Retomando o percurso	160
2. Refazendo a questão	166

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
----------------------------	-----

TÍTULOS DA COLEÇÃO BERGGASSE 19	190
---------------------------------	-----

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Os fenômenos que se apresentam na prática clínica e, especialmente, os que fazem obstáculo ao andamento da experiência analítica sempre inquietam o analista, exigindo dele um trabalho dos conceitos. Mas, quando a clínica se coloca no limite, quando são questionadas as fronteiras no interior das quais o uso do instrumento analítico é legítimo, a exigência parece tornar-se ainda mais aguda. Nesse caso, a inventividade torna-se sustentáculo imprescindível para a própria existência da situação analítica, e o fazer clínico parece solicitar imperiosamente a atividade de um canteiro de obras conceitual que o fundamente.

Nesta última década, interpelados em suas práticas pelos chamados “estados limites”, pelos transtornos no corpo (psicossomática, síndrome do pânico), pelas psicoses e pelas patologias do narcisismo, os analistas têm enfocado em suas reflexões temas como a representação, as inscrições, a negatividade, o originário. Diante desse leque de questões, cresce a importância de se fazer trabalhar aquilo que foi deixado como resto no remanejamento conceitual da obra freudiana em 1920. De fato, na postulação do conceito de pulsão de morte, pela

radicalidade com que Freud aí apresenta o âmbito pulsional, nele incluindo a repetição que, em forma de automatismo, repete o “que não foi”, aquilo que não pertence à experiência de satisfação e que permaneceu à espera da possibilidade de transformar-se em acontecimento psíquico, pode-se reconhecer uma nova concepção do traumático: como quantum de excitação, como excesso de força pulsional que irrompe e rompe a capacidade de simbolização, causando efeitos disruptivos no psiquismo, mas ao mesmo tempo instaurando uma premente exigência de ligações até então não existentes. O significativo espaço que esses temas têm ocupado nas recentes publicações psicanalíticas revela não só sua importância teórica, mas aponta para as mudanças que sua discussão suscita nas práticas analíticas.

É tomando seu eã na fecundidade desse campo que Felicia Knobloch oferece aos leitores seu trabalho de dissertação *O tempo do traumático*, realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e agora transformado em livro.

A autora encontra o ponto de partida de sua reflexão nas situações clínicas consideradas pelo criador da psicanálise como alheias à competência do fazer analítico, como se depreende da sua citação do próprio Freud: “nos estados de crise aguda, a análise é para todos os fins inutilizável, pois todo o interesse do Ego é tomado pela realidade penosa”. Felicia Knobloch coloca em questão tal afirmação, assim como seus fundamentos metapsicológicos.

Uma importante corrente da Psiquiatria Preventiva, florescente na década de 1960, fez dos momentos de crise no percurso de vida seu objeto privilegiado. Tal corrente, que considerava as crises vitais como rotas desviantes num suposto desenvolvimento “normal” e utilizava os recursos da Psiquiatria dinâmica e da Psicologia do Ego para recuperar o “equilíbrio perdido”

e restaurar os recursos adaptativos da personalidade, foi na época alvo de críticas contundentes por parte de muitos analistas.

Felicia irá retomar a ideia de crise, considerando-a, entretanto, em sua dimensão “trágica”, ou seja, enquanto momento no qual “o sujeito é obrigado a dar-se conta de forma aguda de sua finitude e instabilidade, do efêmero de sua vida, da fugacidade do tempo e da mutabilidade das coisas”.

No percurso do texto, uma relação vai se tecendo entre esses momentos de “vacilação subjetiva” nos quais desmoronam as representações que sustentam o viver, e a clínica dos “casos difíceis”, sendo o elo estabelecido pela autora entre os dois termos a presença do irrepresentável. Aquilo que não faz parte do inconsciente recalcado, que age como resto não inscrito, que se conserva como impressão e apresenta-se como intensidade, solicita do analista um outro lugar que não o de interpretante das representações recalçadas.

A preocupação do texto, no entanto, não se restringe a enfatizar as consequências meramente técnicas de seu tema. Assim, no fim do primeiro capítulo, ao interrogar-se sobre a atualidade da questão, a autora amplia sua abrangência: “a atualidade desse tema não se dá por acaso. Embora este não seja um momento de guerra, temos passado por uma crise de valores que tem por efeito uma miséria narcísica, o que fez com que o irrepresentável, a situação crise (o momento máximo de estilhaçamento de nossas representações), ou seja, o traumático, retome nos consultórios, nas instituições, no social, na realidade”. Vemos, assim, a importância da problemática trabalhada no texto estender-se à totalidade do campo da clínica atual.

Quando percorremos a história do movimento psicanalítico, deparamo-nos com momentos de fechamentos, nos quais são relegadas ao esquecimento certas ideias que poderiam entrar em conflito com os paradigmas estabelecidos. Não é difícil reconhecer que, por longo tempo, a obra de Sándor Ferenczi

foi alvo exatamente desse tipo de expurgo. Mas nos últimos anos, alguns analistas, desejosos de romper com o exagerado dogmatismo que parecia ter dominado a cena psicanalítica e buscando reconectar-se com aquilo que de mais vivo existe na experiência analítica, resgataram os escritos do *enfant terrible* da psicanálise, que, no seu intenso e porque não dizer apaixonado encontro com os pacientes que não se comportavam como bons neuróticos, descobriu os limites inerentes ao próprio núcleo do seu método. E é justamente Ferenczi um dos mais constantes interlocutores da autora, que se debruça fundamentalmente sobre sua concepção do traumático, por entender que em ideias como, por exemplo, a de “memória do corpo” e a de “sensação sem objeto” podem ser garimpados elementos para se pensar aquilo que na clínica se faz presente, embora não recortado em uma figura definida. Aquilo que não se escreve, mas que toma corpo na atualidade da sessão, agitando-se no silêncio e aparecendo no sofrimento que não pode “ser sofrido”.

No primeiro capítulo, vemos a autora acompanhar as vicissitudes da teoria do trauma em Freud e Ferenczi, revelando como o pensamento deste último coloca-se na continuidade da virada metapsicológica freudiana de 1920, ao mesmo tempo em que mostra um certo contraponto entre as ideias do discípulo e do mestre, sem, por outro lado, deixar de enfatizar como, nos últimos textos freudianos, é a marca dos escritos de Ferenczi que se faz sentir.

O segundo capítulo consiste numa reflexão sobre a ordem do irrepresentável e o mundo da representação, tomando como eixo o fundamental conceito de pulsão: partindo do conceito de pulsão da primeira tópica, estreitamente vinculado com as representações e cujo funcionamento é regido pelo princípio do prazer, somos conduzidos até a mudança de 1920 na qual, para “além” ou “aquém” do princípio do prazer, a mais radical das pulsões - a pulsão de morte, enquanto excitação impossível de

ser ligada - faz-se presente na cena transferencial.

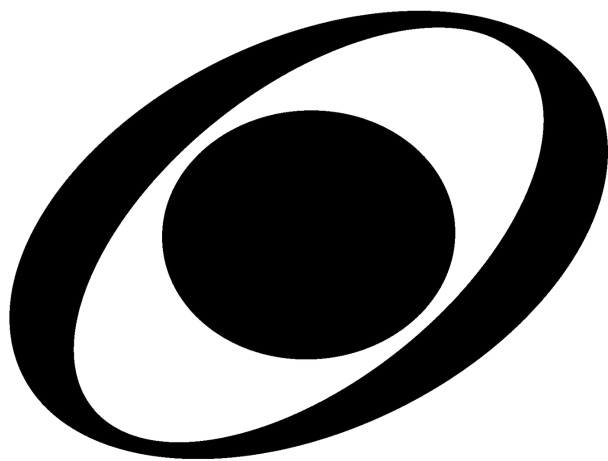
É nesse remanejamento freudiano das pulsões, com ênfase em seu aspecto econômico, que a autora irá encontrar recursos para sua reflexão sobre o irrepresentável.

Num trabalho de diferenciação entre marca e traço, entre inscrição e impressão, entre lembrança e ato, o texto nos faz transitar pelas questões da memória e da temporalidade, movendo-se entre a pluralidade dos tempos e a pluralidade dos presentes implicada em seu intrincamento: o presente do tempo histórico, do tempo sequencial, que segue a flecha do tempo do passado em direção ao devir; o presente congelado do narcisismo; até o presente absoluto, apresentado, mas não representado nem significado. É a Maurice Blanchot que a autora recorre para dar voz a esse presente de quase impossível dizer.

A questão da temporalidade passa então a ocupar o foco do texto, o traumático passando a ser definido como “acontecimento que transtorna as relações do tempo habitual”, como “rasgão na trama do tempo que nos introduz num outro mundo, fora do tempo vulgar”. É no clarão desse dilaceramento que se apresenta o morrer. Uma reflexão sobre a morte encerra o terceiro capítulo.

Os campos que a autora tenta articular, do inconsciente, do recalcado, do representacional, do irrepresentável, do pulsional, formam uma figura de combinatória de conjuntos, certamente não a única possível, já que as intersecções, exclusões e inclusões entre esses campos dependem de suas respectivas conceitualizações. Assim, é evidente que, se fizermos coincidir o inconsciente com o recalcado, iremos obter uma combinatória diferente da que obteremos se postularmos sua heterogeneidade. Da mesma forma, o próprio termo “representação”, que traz as marcas de uma longa trajetória na história do pensamento filosófico, ressoa diferentemente para diferentes analistas.

# **Final da amostra do livro**



**I N M E d i t o r a**

© Copyright 2022

**Todos os direitos reservados à INM Editora**